

Filomena Parada
Joaquim Luis Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências
da Educação da Universidade do Porto

Importância do Trabalho e Satisfação com a Vida em Jovens Adultos: Estudo Exploratório

RESUMO

As transformações sócio-culturais e político-económicas que caracterizam o final deste século criaram a necessidade de se reflectir sobre a vida contemporânea, em especial no que diz respeito ao significado do trabalho na existência humana. Porque os jovens constituem um dos grupos mais vulneráveis a todas estas mutações, como objectivo geral desta comunicação emerge a caracterização e a compreensão da relação que os jovens adultos nacionais estabelecem com o trabalho. Os instrumentos utilizados foram os dois itens relativos ao índice de centralidade do trabalho incluídos no questionário Meaning of Working – Version A, desenvolvido pelo Meaning of Working (MOW) International Research Team (1987) e a Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larson & Griffin, 1985). Os resultados apontam para que as raparigas atribuam uma maior importância ao trabalho (em termos absolutos), à família e à religião. Sujeitos com níveis mais baixos de escolaridade atribuem uma maior importância absoluta ao trabalho, sendo os que possuem um grau de instrução superior quem, em termos relativos, mais investe neste domínio.

Indivíduos desempregados investem mais na família e os que se encontram à procura do primeiro emprego na comunidade. Não foram encontradas diferenças significativas, em qualquer dos grupos formados, para a variável satisfação com a vida.

INTRODUÇÃO

As transformações sócio-culturais e político-económicas que caracterizam o final deste século criaram a necessidade de se reflectir sobre a vida nos dias de hoje, em especial no que diz respeito ao significado do trabalho na existência humana. Qualquer análise, mesmo que não muito minuciosa, do presente contexto histórico permite verificar que a sociedade do "pleno emprego" tende cada vez a adquirir o estatuto de um mito, podendo falar-se de uma mutação profunda em todo o modo de organização das actuais sociedades, nas quais o trabalho assumiu — e continua, ainda, a assumir — um papel central (cf. Coimbra, 1996; Ferry, 1994; Lebaude, 1996; Sainsauleau, 1998). Actualmente, são cada vez mais os autores que, face ao recente aparecimento de fenómenos como o subemprego persistente ou o desemprego estrutural, bem como a escassez e a desregulamentação das condições de acesso e permanência no emprego, admitem a necessidade de se repensar a construção social da definição e significado do trabalho, em especial devido à relevância que este continua a assumir no processo de construção de sentido e de significado (pessoal e social) para a existência humana (e.g., Azevedo, 1999; Beck, 1992; Billard, 1993; Ferry, 1994).

O trabalho constitui-se como uma das dimensões centrais da vida dos indivíduos (e.g., Brook & Brook, 1989; Claes & Quintanilla, 1994; England & Harpaz, 1990; England & Quintanilla, 1989; Harpaz, Claes, Depollo & Quintanilla, 1992), não apenas pelo tempo que estes despendem na preparação para e no exercício de uma actividade profissional — os papéis profissionais e os contextos de trabalho ocupam, em média, cerca de um terço da existência individual (cf. Imaginário, 1994) — mas também devido à importância que assume a nível da construção das redes sociais e definição de estatutos socioeconómicos (Tolbert, 1980). Por outro lado, nas sociedades ocidentais industrializadas, em geral, os critérios de inclusão e de exclusão tendem a ser aferidos a partir de um conjunto de indicadores externos indissociáveis do exercício de uma actividade profissional, sobretudo no que diz respeito à sua dimensão mais instrumental ou extrínseca (cf. Camps, 1996; Gorz, 1988; Santos, 1998).

Num contexto histórico que se caracteriza, precisamente, por uma tendência no sentido de cada vez mais aumentar o número de pessoas excluídas, temporária ou permanentemente, do mercado de trabalho, um vasto conjunto de questões se colocam relativamente à caracterização e compreensão dos sentidos e significados assumidos pelo trabalho na vida das pessoas, no seio das complexas realidades (culturais, políticas, económicas...) que caracterizam o actu-

al momento de evolução social, em especial para os jovens no processo de transição da escola para o mundo do trabalho (população-alvo deste estudo). Em especial, porque é mais e mais reconhecido que trabalhar, dada a relação que o trabalho mantém com os demais domínios da existência, para além de benefícios financeiros e de cariz instrumental, proporciona também importantes gratificações sócio-psicológicas, não-económicas (e.g., Claes & Quintanilla, 1994; Harpaz, Claes, Depollo & Quintanilla, 1992; Lundberg & Peterson, 1994). Saliente-se a este respeito que diversos estudos têm demonstrado que a ausência de uma actividade profissional, principalmente devido à destruturação temporal e à inexistência de objectivos que tal situação facilita, se encontra negativamente relacionado com o bem-estar subjectivo (Brief et al., 1995). A satisfação com a vida, uma das medidas vulgarmente utilizadas para complementar juízos de bem-estar emocional, enquanto apreciação avaliativa consciente sobre a própria vida e com base em critérios pessoais (cf. Arrindell et al., 1999), assoma como outro aspecto a ter em consideração.

A opção por uma população de jovens deve-se, entre outros aspectos, ao alongamento no período de tempo compreendido entre a conclusão de uma formação inicial e o primeiro emprego, mas também a uma diversificação e complexificação do próprio processo de acesso e de transição profissional (Rose, 1997). É cada vez mais difícil para um jovem prever quando irá ser capaz de encontrar o seu primeiro emprego, não sabendo também quantas pequenas e diferentes actividades terá de desempenhar antes de o conseguir, ou até, por quanto tempo se manterá nesse emprego/actividade. Por outro lado, ignora ainda se esse emprego (e outros que se possam seguir) estará ou não relacionado com a sua área de formação inicial e não sabe, sequer, se se irá (ou não) manter no emprego ou no domínio de actividade com que iniciou a sua trajectória de formação/profissional (cf. Azevedo, 1999).

A reforçar esta previsão, encontra-se a análise de algumas tendências recentes, segundo as quais é possível antecipar que, em média, indivíduos entre os 15 e os 24 anos de idade irão passar mais vezes pela situação de desemprego que os de outros grupos etários actualmente em exercício de funções no mercado de trabalho (St. Aubyn, 1997), apresentando-se a mobilidade profissional como uma das características fundamentais deste sector da população. A este respeito, podem ser mencionados os resultados de um estudo recente realizado no nosso país Jovens Portugueses de Hoje — Resultados de um Inquérito à População, em que 56,9 por cento dos jovens inquiridos¹ revela já ter mudado pelo menos uma vez de emprego no decurso da sua trajectória profissional (Alves, 1998).

¹É de realçar que a amostra deste estudo era constituída por indivíduos de todas as regiões e níveis sócio-culturais e económicos identificáveis na globalidade do território português, cujas idades se compreendiam entre os 15 e os 29 anos. Os dados aqui apresentados são relativos ao ano de 1997, altura em que se procedeu à sua recolha.

Por fim, lembra-se o facto de as taxas de desemprego identificadas para este grupo serem, em média, duas vezes superiores às existentes nas demais camadas da população em actividade no mercado de emprego, sendo o desemprego, na maior parte das vezes, resultado de uma situação fora do seu controlo, na medida em que surge como consequência da sua integração precária no mercado de trabalho. O estudo acima mencionado revela também que, dos 65,8 por cento dos jovens que tinham estado desempregados, o ficaram porque "o estágio terminou ou o contrato não foi renovado; foram despedidos ou concluíram a tarefa que lhes tinha sido incumbida" (Alves, 1998, p. 123).

Assim, e em consonância com a literatura, afigura-se pertinente aprofundar o conhecimento (a) da importância (absoluta e relativa) do trabalho na vida das pessoas (b) da importância do trabalho para o sentimento de realização pessoal e de satisfação com a vida nos indivíduos (c) da relação que existe entre essa dimensão e a sua importância na vida das pessoas. Daí que o presente estudo tenha como objectivos (a) avaliar a importância (absoluta e relativa) do trabalho para os jovens adultos portugueses, bem como a relação existente entre esta dimensão e a satisfação com a vida, (b) examinar possíveis diferenças entre a importância que os sujeitos atribuem ao trabalho, bem como a sua satisfação com a vida em função do seu género, nível de escolaridade e estatuto face ao emprego, e (c) explorar eventuais relações entre as várias dimensões em análise (importância absoluta e relativa do trabalho e satisfação com a vida).

INSTRUMENTOS

Importância absoluta e relativa do trabalho

A importância absoluta e relativa do trabalho foi inferida com base nas respostas dadas a dois itens que constituem índice de centralidade do trabalho proposto no Meaning of Working Questionnaire – Version A (MOW, 1987). A primeira questão pede aos respondentes que, numa escala de likert com 7 itens, indiquem qual a importância e significado que o trabalho tem em toda a sua vida – isto é, permite verificar qual é o valor, em termos absolutos, atribuído ao trabalhar enquanto um papel de vida. As alternativas de resposta variam desde uma das coisas menos importantes a uma das coisas mais importantes na vida. A segunda questão pede aos sujeitos que distribuam um total de 100 pontos por cinco contextos de vida, designadamente, o lazer, a comunidade, o trabalho, a religião e a família. Com base nestes dois itens é aferida a identificação que cada sujeito estabelece com o trabalhar ou o significado que atribui ao desempenho dos papéis de trabalho. Subjacente a esta componente da centralidade do trabalho encontra-se a premissa de que as pessoas dividem as suas experiências em esferas, que as preferências por uma determinada esfera ou domínio de vida variam conforme os

indivíduos, os quais atribuem ainda um significado mais profundo a tudo aquilo que se desenvolve na sua esfera de vida preferida (cf. Lundberg & Peterson, 1994).

Satisfação com a vida

Esta escala foi desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen & Griffin (1985) e adaptada para a população portuguesa por Neto (1993, 1997). Caracteriza-se por ser um instrumento conciso (apenas conta com 5 itens) que foi concebido em torno da ideia de que, para aferir o grau de satisfação de vida dos sujeitos, é necessário pedir-lhes que realizem um juízo global acerca das suas vidas. Significa isto que esta escala mede a satisfação com a vida enquanto um processo de juízo cognitivo. Aos respondentes é pedido que, numa escala de likert com 7 itens que varia entre o discordo totalmente e o concordo totalmente, assinalem o seu grau concordância com cada uma das 5 afirmações que lhes são apresentadas, a saber (1) "em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais", (2) "as minhas condições de vida são excelentes"; (3) "estou satisfeito(a) com a minha vida", (4) "até agora consegui obter aquilo que era importante na vida", (5) "se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada".

HIPÓTESES

De acordo com a revisão da bibliografia realizada, bem como atendendo aos objectivos enunciados para o estudo, elaboraram-se as seguintes hipóteses:

- (a) Espera-se que o trabalho, a par da família, apareça como um dos contextos de vida centrais na vida dos jovens adultos portugueses, prevendo-se a possibilidade de entre estes dois domínios de vida se estabelecer uma relação inversamente proporcional (e.g., Claes & Quintanilla 1994; England & Quintanilla, 1989; Harpaz, Claes, Depollo & Quintanilla, 1992; Wach, 1993).
- (b) Espera-se que entre trabalho e lazer se estabeleça uma relação inversamente proporcional, visto que, de acordo com a literatura, trabalho e lazer aparecem como domínios de vida concorrentes entre si (Palmquist, 1997).
- (c) Espera-se os sujeitos do género feminino atribuam mais importância ao trabalho (Fenniger & Wach, 1997), à família (Vasconcelos, 1998) e à religião (Nunes, 1998) do que os sujeitos do sexo masculino.
- (d) Espera-se que os sujeitos que presentemente se encontram a trabalhar atribuam uma maior importância ao trabalho do que os que se encontram à procura de um emprego, seja de um novo ou de um primeiro emprego (e.g., Claes & Quintanilla, 1994).

- (e) Espera-se que sujeitos com níveis de escolaridade mais baixos atribuam uma maior importância ao trabalho do que os que apresentam níveis intermédios ou superiores de instrução, uma vez que os primeiros podem ser caracterizados como estando mais orientados para o trabalho do que os anteriores ("work-bounded") (Blustein et al., 1997).
- (f) Espera-se que o género masculino apresente uma maior satisfação com a vida do que o género feminino, o mesmo sucedendo com os sujeitos que apresentam níveis de escolaridade mais elevados [de acordo com a investigação, estes indivíduos são oriundos de meios sócio-culturais e económicos mais elevados (e.g., Alves, 1998; Nunes, 1998)] ou estando empregados evidenciem também uma maior satisfação com a vida do que os demais sujeitos não incluídos nestas categorias (e.g., Neto, 1993, 1997).

AMOSTRA

A amostra é constituída por 112 sujeitos de ambos os sexos que, de momento, se encontram empregados (46,2 por cento), desempregados (28,8 por cento) ou à procura do primeiro emprego (25,0 por cento). As suas idades encontram-se compreendidas entre os 17 e os 30 anos, sendo a média das idades de 23,57. Relativamente ao nível de escolaridade dos sujeitos estes distribuíram-se por três categorias distintas (a) sujeitos que apresentam um grau de instrução igual ou inferior à escolaridade básica (isto é, o 9.º ano) (34,4 por cento), (b) sujeitos que apenas completaram o ensino secundário (curso geral, tecnológico, profissional ou de aprendizagem), apesar de poderem ter frequentado, embora sem conclusão, o ensino superior (42,9 por cento) e (c) sujeitos que, pelo menos, concluíram uma licenciatura

Quadro 1. Distribuição global dos sujeitos da amostra

Sujeitos		N = 212
Idade média		23,57 (mínimo 17 e máximo 30)
Género	Feminino	47,4%
	Masculino	52,6%
Nível de escolaridade	Igual ou inferior ao 9.º ano	34,4%
	Ensino secundário	42,9%
	Ensino superior ou mais	22,6%
Estatuto face ao emprego	Empregado	46,2%
	Desempregado	28,8%
	A procura do 1.º emprego	25,0%

ou bacharelato (22,6 por cento). É de realçar que esta é uma amostra não representativa da população portuguesa, visto que, aproximadamente, 120 dos 212 questionários recolhidos foram aplicados a sujeitos que, de momento, se encontram a frequentar um curso de formação profissional em centros de formação profissional sob a tutela do Instituto do Emprego e Formação Profissional. Esta situação reflecte-se na distribuição dos sujeitos da amostra pelas diferentes categorias das variáveis demográficas mencionadas (género, nível de escolaridade e estatuto face ao emprego).

Uma análise mais pormenorizada da sua distribuição pelas categorias surgidas a partir do cruzamento da variável género com as variáveis nível de escolaridade e estatuto face ao emprego revela que (a) 29,0 por cento dos elementos do género

Quadro 2. Distribuição dos sujeitos pelos níveis de escolaridade em função do género

	Género	
	Feminino	Masculino
Nível de escolaridade	Igual ou inferior ao 9.º ano	38,7%
	Ensino secundário	44,1%
	Ensino superior ou mais	17,1%

feminino apresentam um nível de escolaridade igual ou inferior ao 9.º ano, sendo o valor correspondente, para os elementos do género masculino, de 38,7 por cento; (b) 42,0 por cento das raparigas da amostra possuem um diploma de nível secundário contra 44,1 por cento dos rapazes; (c) contrariamente ao que sucede nas categorias anteriores é maior a percentagem de raparigas a possuir uma certificação académica de nível superior (29,0 por cento) em comparação com a percentagem de rapazes que apresenta o mesmo nível de escolaridade (17,1 por cento); (d) 54,0 por cento dos jovens do género feminino se encontram empregados contra 39,6 por cento dos do

Quadro 3. Distribuição dos sujeitos pelos estatutos face ao emprego em função do género

	Género	
	Feminino	Masculino
Estatuto face ao emprego	Empregado	39,6%
	Desempregado	26,1%
	A procura do 1.º emprego	34,2%

género masculino; (e) do total de indivíduos desempregados na amostra 31,0 por cento pertencem ao género feminino e 26,1 por cento ao género masculino; (f) dos que, presentemente, se encontram à procura do primeiro emprego, 15,0 por cento são raparigas e 34,2 por cento são rapazes.

Relativamente à distribuição dos sujeitos pelos três níveis de escolaridade considerados em função do seu estatuto face ao emprego verifica-se que (a) dos jovens que integram a amostra que, de momento, se encontram empregados, 15,3 por cento apresenta um grau de instrução igual ou inferior à actual escolaridade básica,

Quadro 4. Distribuição dos sujeitos pelos níveis de escolaridade em função do estatuto face ao emprego

Nível de escolaridade	Estatuto face ao emprego	Estatuto face ao emprego		
		Empregado	Desempregado	A procura do 1.º emprego
Igual ou inferior ao 9.º ano		15,3%	54,1%	47,2%
Ensino secundário		42,9%	42,6%	43,4%
Ensino superior ou mais		41,6%	3,3%	9,4%

42,9 por cento concluiu o ensino secundário e que 41,6 por cento obteve um diploma de ensino superior; (b) do total de jovens desempregados, 54,1 por cento possui um nível de escolaridade igual ou inferior ao 9.º ano, 42,6 por cento apresenta uma certificação escolar de nível secundário e que 3,3 por cento concluiu o ensino superior; (c) 47,2 por cento dos sujeitos com uma habilitação escolar igual ou inferior ao 9º ano se encontram à procura do primeiro emprego, sendo esse valor de 43,4 por cento para os que apresentam um diploma de estudos de nível secundário e de 9,4 por cento para os que completaram, pelo menos, uma licenciatura ou bacharelato.

RESULTADOS

Em seguida apresentar-se-ão os resultados deste estudo, cujos objectivos e hipóteses foram previamente delineados. Em primeiro lugar, proceder-se-á a uma análise descritiva dos resultados, tomando como referência a variável importância absoluta do trabalho. A partir da observação do quadro 5 verifica-se que 1,6 por cento dos sujeitos da amostra consideraram o trabalho como uma das coisas menos importantes da vida que, em contrapartida, 52,8 por cento e 45,6 por cento, o consideraram, respectivamente, como uma das coisas de média importância ou mais importantes na vida.

Quadro 5. Importância absoluta atribuída ao trabalho pelos sujeitos

Importância absoluta do trabalho	% Total
Trabalho como uma das coisas menos importantes na vida	1,6%
Trabalho como uma das coisas de média importância na vida	52,8%
Trabalho como uma das coisas mais importantes na vida	45,6%

A fim de se perceber um pouco melhor qual a importância absoluta atribuída ao trabalho pelos sujeitos em função do seu género, nível de escolaridade e estatuto face ao emprego, efectuou-se nova análise descritiva exploratória. De acordo com o evidenciado no quadro 6 constata-se que os elementos do género feminino

Quadro 6. Importância absoluta do trabalho em função do género

Importância absoluta do trabalho	Género	
	Feminino	Masculino
Menos importante	0,0%	2,9%
De importância média	44,9%	59,2%
Mais importante	55,1%	37,9%

consideram o trabalho tendo como uma importância média (44,9 por cento) e como uma das coisas mais importantes em toda a sua vida (55,1 por cento). Por sua vez, para o género masculino os valores encontrados revelam que 2,9 por cento considera o trabalho como uma das coisas menos importantes da vida, 59,2 por cento como tendo uma importância média e 37,9 por cento como uma das coisas mais importantes.

No que se refere à importância absoluta do trabalho em função do nível de escolaridade (quadro 7) verifica-se que (a) 1,6 por cento dos indivíduos com um grau de instrução igual ou inferior ao 9.º ano consideram o trabalho como uma das coisas menos importantes nas suas vidas, (b) 42,9 por cento o avaliam como tendo uma importância média e (c) 55,6 por cento apontam-no como uma das coisas mais importantes. Por seu turno, de entre os sujeitos que apresentam um nível médio de escolaridade (a) 2,4 por cento consideram o trabalho como uma das coisas menos importantes das suas vidas, (b) 64,3 por cento de importância média e (c) 33,3 por cento como uma das coisas mais importantes. Para as pessoas com, pelo menos,

Quadro 7. Importância absoluta do trabalho em função do nível de escolaridade

		Nível de escolaridade		
		Igual ou inferior ao 9.º ano	Ensino secundário	Ensino superior ou mais
Importância absoluta do trabalho	Menos importante	1,6%	2,4%	0,0%
	De importância média	42,9%	64,3%	45,7%
	Mais importante	55,6%	33,3%	54,3%

uma licenciatura ou bacharelato, o trabalho apreço, respectivamente como sendo algo com uma importância média (45,7 por cento) ou com grande importância nas suas vidas (54,3 por cento).

Em relação ao estatuto face ao emprego (quadro 8), constata-se que dos sujeitos empregados, (a) 1,1 por cento indica o trabalho como uma das coisas menos importantes em toda a sua vida, (b) 50,6 por cento como uma coisa de média importância e (c) 48,3 por cento como uma das coisas mais importantes. Para os

Quadro 8. Importância absoluta do trabalho em função do estatuto face ao emprego

		Estatuto face ao emprego		
		Empregado	Desempregado	A procura do 1.º emprego
Importância absoluta do trabalho	Menos importante	1,1%	1,9%	2,0%
	De importância média	50,6%	51,9%	58%
	Mais importante	48,3%	46,3%	40,0%

indivíduos desempregados, (a) 1,9 por cento refere que o trabalho é uma das coisas menos importantes das suas vidas, (b) 51,9 por cento como uma coisa de média importância e (c) 46,3 por cento como algo de muito importante. Quanto aos jovens que se encontram à procura do primeiro emprego, verifica-se que (a) 2,0 por cento apontam o trabalho como uma das coisas menos importantes das suas vidas, 58,0 por cento como tendo uma importância média e (c) 40,0 por cento como algo de muito importante.

Quanto à importância relativa atribuída ao trabalho pelos sujeitos (quadro 9), avaliada a par-

tir da concessão de pontos, até um total de 100, a cinco domínios de vida (lazer, comunidade, trabalho, religião e família), observou-se que a família (36,06 por cento), logo seguida pelo trabalho (25,25 por cento) e pelo lazer (23,93 por cento) assomam como os contextos mais importantes. À comunidade (7,97 por cento) e à religião (7,72 por cento) as pessoas conferem uma menor relevância.

Quadro 9. Importância atribuída pelos sujeitos aos cinco domínios de vida propostos

Domínios de vida	% Total
Lazer	23,93%
Comunidade	7,97%
Trabalho	24,25%
Religião	7,72%
Família	36,03%

Para a variável satisfação com a vida, procedeu-se a uma análise factorial exploratória em componentes principais (quadro 10). Em consonância com os resultados obtidos em estudos anteriores com uma população de adolescentes portugueses (Neto, 1993, 1997), identificou-se apenas um factor, explicando 57,335 por cento da variância. O coeficiente de consistência interna (alpha de Cronbach) encontrado foi de 0,8090. Todos os itens apresentam um coeficiente de correlação superior a 0,50.

Quadro 10. Itens da Escala de Satisfação com a Vida, saturações factoriais, alpha de Cronbach e percentagem de variância explicada

Factor (satisfação com a vida)	$\alpha = 0,8090$ Pct. de variância = 57,335%
Item	Saturação factorial
Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais	0,772
As minhas condições de vida são excelentes	0,785
Estou satisfeito(a) com a minha vida	0,829
Até agora consegui obter aquilo que era importante na vida	0,803
Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada	0,569

Em seguida, analisar-se-ão as diferenças entre os grupos identificados em função do género, nível de escolaridade e estatuto face ao emprego que caracterizam os sujeitos da amostra relativamente às dimensões em estudo (importância absoluta do trabalho, cinco domínios de vida que permitem indicar a importância relativa do trabalho e a satisfação com a vida).

Com base na análise do quadro 11, observa-se que existem diferenças significativas em função do género para as variáveis importância absoluta do trabalho ($t(190)=2,670$; $p=0,008$), religião ($t(199)=3,635$; $p=0,000$) e família ($t(199)=2,581$; $p=0,011$). Para qualquer uma destas situações é possível concluir que os elementos do género feminino não só atribuem uma maior importância absoluta ao trabalho que os do género masculino ($M=2,55$; $D.P.=0,50$, nas raparigas e $M=2,35$; $D.P.=0,54$, nos rapazes) como dão um maior relevo à religião ($M=9,688$; $D.P.=7,981$, nas raparigas e

Quadro 11. Análise das diferenças de médias para os dois grupos da variável género

	Teste t de Student			
	t	df	p	
Importância absoluta do trabalho	2,670	190	0,008	F>M
lazer	—	—	—	—
Comunidade	-0,398	199	n.s.	—
trabalho	-0,135	199	n.s.	—
religião	3,653	199	0,000	F>M
família	2,581	199	0,011	F>M
satisfação com a vida	0,572	203	n.s.	—

$M=5,929$; $D.P.=6,591$, nos rapazes) e à família ($M=38,896$; $D.P.=14,605$, nas raparigas e $M=33,410$; $D.P.=15,456$, nos rapazes).

Quadro 12. Análise de variância em função do nível de escolaridade: valores de F, P e teste de Scheffé para as diferenças significativas.

	Oneway ANOVA			Scheffé
	F	df	p	
Importância do trabalho	4,856	2, 190	0,009	E.Sec. < até 9.º ano
lazer	1,836	2, 198	n.s.	—
comunidade	2,782	2, 198	n.s.	—
trabalho	6,338	2, 198	0,002	até 9.º ano = E.Sec. < E.Sup.
religião	1,293	2, 198	n.s.	—
família	1,547	2, 198	n.s.	—
satisfação com a vida	0,021	2, 203	n.s.	—

No que respeita à variável nível de escolaridade, verifica-se que os indivíduos com um nível de escolaridade igual ou inferior ao 9.º ano atribuem uma maior importância absoluta ao trabalho que todos aqueles que apresentam um grau de instrução de nível secundário ($F(1,190)=4,856$; $p=0,009$; E.Sec.<até 9.º ano). Por outro lado, constata-se ainda que, em termos os relativos, as pessoas que, pelo menos, completaram uma licenciatura ou um bacharelato, investem mais no trabalho do que aqueles que apenas obtiveram uma certificação escolar de nível médio ou inferior ($F(2,198)=6,338$; $p=0,002$; até 9.º ano=E.Sec.<E.Sup.).

Relativamente ao estatuto face ao emprego, observa-se que os sujeitos que se encontram à procura do primeiro emprego atribuem uma importância significativamente superior à comunidade do que os que se encontram empregados ou desempregados ($F(2,198)=4,755$; $p=0,010$; Emp.=Desemp.<1.º Emp.). Por sua vez, as pessoas que se encontram desempregadas consideram que a família assume um

Quadro 13. Análise de variância em função do estatuto face ao emprego: valores de F, P e teste de Scheffé/Bonferroni para as diferenças significativas.

	Oneway ANOVA			Bonferroni
	F	df	p	
importância do trabalho	0,197	2, 190	n.s.	—
lazer	1,834	2, 198	n.s.	—
comunidade	4,755	2, 198	0,010	Emp. = Desemp. < 1.º Emp.
Trabalho	0,893	2, 198	n.s.	—
religião	0,21	2, 198	n.s.	—
família	3,454	2, 198	0,034	Emp. < Desemp.
satisfação com a vida	1,789	2, 203	n.s.	—

maior relevo nas suas vidas do que os sujeitos que se encontram empregados ($F(2,198)=3,454$; $p=0,034$; $\text{Emp.} < \text{Desemp.}$).

Por fim, apresentar-se-ão os resultados das relações encontradas entre as diferentes dimensões em estudo, a saber, importância absoluta do trabalho, lazer, comunidade, trabalho, religião, família e satisfação com a vida (quadro 14). De acordo com o apurado (quadro 14), apenas entre as variáveis lazer e trabalho, comunidade e religião, lazer e família e trabalho e família se estabelece uma correlação superior a 0,30, sendo de sublinhar que todas são significativas ao nível 0,01. Há ainda que referir que entre lazer e trabalho ($r=-0,301$; $p<0,01$), bem como entre lazer e família ($r=-0,444$; $p<0,001$) se estabelece uma relação negativa, indicando que um maior investimento num destes domínios se encontra associado a um menor investimento no outro. Algo de semelhante sucede na relação estabelecida entre trabalho e família ($r=-0,401$; $p<0,01$). Pelo contrário, o investimento na comunidade parece estabelecer uma associação positiva com o investimento na religião ($r=0,354$; $p<0,01$).

Quadro 14. Matriz de correlações das variáveis lazer, comunidade, trabalho, religião, família, importância absoluta do trabalho e satisfação com a vida

	lazer	comunid.	trabalho	religião	família	imp. trab.	satis. vida
	r	r	r	r	r	r	r
lazer	1,00	-0,171*	-0,301**	-0,280**	-0,444**	-0,261**	-0,169*
comunid.	-0,171*	1,00	-0,180*	0,354**	-0,289**	0,072	0,033
trabalho	-0,301**	-0,180*	1,00	-0,240**	-0,401**	0,152*	-0,072
religião	-0,280**	0,354**	-0,240**	1,00	-0,178*	-0,006	0,054
família	-0,444**	-0,289**	-0,401**	-0,178*	1,00	0,059	0,190**
imp. trab.	-0,261**	0,072	0,152*	-0,006	0,059	1,00	-0,001
satis. vida	-0,169*	0,033	-0,072	0,054	0,190**	-0,001	1,00

* A correlação é significativa ao nível 0,05 (2-tailed).

** A correlação é significativa ao nível 0,01 (2-tailed).

DISCUSSÃO

Globalmente, poder-se-á interpretar o ligeiro desfasamento encontrado entre os resultados obtidos através dos indicadores demográficos utilizados neste estudo (género, nível de escolaridade e estatuto face ao emprego) e as tendências globais identificadas na sociedade portuguesa relativamente ao processo de transição dos jovens da escola para o mundo do trabalho (cf. Quatenaire Portugal & CETE, 1996) com base nas características específicas da amostra estudada. Entre nós, usualmente, não apenas os elementos do género feminino são mais afectados pela ausência de trabalho como os diplomados do ensino secundário parecem experienciar mais dificuldades de aceitação por parte dos empregadores. Essa situação pode ser parcialmente entendida se se tomar em linha de conta o facto de que, entre nós, o mercado de emprego se caracteriza ainda por uma estrutura que requer baixos perfis de qualificação por parte dos seus trabalhadores (Alves, 1998), tendência que é acompanhada pelo facto – suportado por vários indicadores sociais – de que os indivíduos apresentando níveis de qualificação escolar superiores procurarem ser mais selectivos no que se refere ao processo de procura de emprego (País, 1998).

Todavia, importa salientar que, em geral, são os elementos do género feminino quem apresentam níveis de escolaridade mais elevados, o que, em certa medida, vai de encontro a algumas tendências sociais recentes que apontam para, não só uma subida nos níveis globais de escolaridade da população (sobretudo no que se refere à frequência e conclusão de um curso do ensino superior) mas também por um aumento no número de raparigas que pretendem pros-

seguir (e prosseguem) os seus estudos a um nível pós-secundário em comparação com os rapazes. Segundo Alves (1998) essa seria uma estratégia de adiamento do momento de transição para o mercado de emprego e, ao mesmo tempo, de melhoria das suas vantagens competitivas nesse mesmo mercado que, em norma, lhes é algo adverso. Uma hipótese de estudo a considerar poderá ser a de procurar explorar e compreender o modo como cada um destes factores (individualmente ou em conjunto) se relaciona com o processo de transição da escola para o mundo do trabalho, especialmente no que diz respeito à relação que esses estabelecem com o domínio do trabalho (e.g., as suas expectativas, significados, investimentos, dificuldades experienciadas).

De acordo com o esperado, o trabalho aparece como um dos domínios centrais na vida dos jovens adultos nacionais. Contudo, importa pedir a atenção para o facto de que, em função dos resultados, não apenas a família apresenta um peso superior ao do trabalho como os sujeitos encaram o lazer e o trabalho como tendo uma importância relativa semelhante na suas vidas. Embora tais resultados não possam ser generalizados a uma população mais extensa, isso não impede a que, futuramente, possa vir a ser explorada a hipótese de se estar a observar uma mudança na ética do trabalho nas gerações mais novas, destacando-se, desde já, os sujeitos com níveis mais elevados de escolaridade.

Por outro lado, e com base em investigação anterior (e.g., Riffault, 1993, 1994; Brief et al. 1995), constata-se que sujeitos com níveis de escolaridade mais baixos tendem a valorizar sobretudo as dimensões instrumentais ou extrínsecas do trabalho (e.g., financeiras, de prestígio, de poder) enquanto que os indivíduos com níveis mais elevados de escolaridade se centram mais nos aspectos relativos ao desenvolvimento e à realização pessoal do trabalho (isto é, mais expressivos ou intrínsecos). Apresentam, concomitantemente, expectativas mais altas em relação a este domínio, podendo-se de igual modo pressupor um maior investimento por parte destes no trabalho. Eventualmente isso poderá contribuir para compreender as diferenças encontradas quanto à importância relativa do trabalho em função do nível de escolaridade dos sujeitos.

Simultaneamente, poder-se-á considerar as transformações de carácter económico e tecnológico que se vêm sucedendo. As suas repercussões fazem-se sentir especialmente nos desafios e exigências colocados aos trabalhadores (e.g., Azevedo, 1999; Coimbra, 1996), dos quais se espera que sejam simultaneamente especializados e polyvalentes, bem como que se mostrem capazes de responder de uma forma adaptada às exigências de criatividade, adaptabilidade e rápido reajustamento com que as organizações laborais se deparam (Azevedo, 1999). Para além do mais, para muitos indivíduos, sobretudo os que apresentam qualificações mais baixas e menos especializadas, os novos modos de pensar e de organizar os processos de trabalho

levam-nos a confrontarem-se com um marcado esvaziamento dos conteúdos tradicionalmente associados ao exercício de determinados tipos de profissões – logo, da diluição dos laços e mecanismos de solidariedade e de pertença que as caracterizavam (Sennett, 1998). Não poderá esta dualização do mercado de trabalho constituir outra das razões que levam a que sujeitos com um nível intermédio ou baixo de escolaridade atribuam uma importância relativa ao trabalho inferior à atribuída pelos sujeitos com graus superiores de instrução?

Quanto à família? Que razões podem se apontadas para a importância relativa que parece continuar a ter para os jovens? De acordo com o apurado no estudo Jovens Portugueses de Hoje – Resultados do Inquérito de 1997, observa-se (Cabral & Pais, 1998) que uma generalização cada vez mais acentuada da autonomização conjugal como etapa na transição para a vida adulta, tendência que se faz acompanhar por uma manutenção das lógicas tradicionais que enfatizam a atribuição das tarefas domésticas e dos cuidados dos filhos às mulheres, pese embora seja reconhecida a necessidade da sua divisão pelos dois membros do casal (Vasconcelos, 1998). Essa clara diferenciação de papéis que prevalece na nossa sociedade, pelo menos em princípio, poderá ajudar a perceber porque é que os jovens do género feminino tendem a investir mais neste contexto do que os do género masculino, sobretudo se se tiver em atenção que esta poderá ser igualmente uma estratégia que lhes permita contornar situações adversas que o mercado de trabalho persiste em colocar às mulheres, proporcionando-lhes um domínio alternativo de investimento e de realização pessoal (cf. Bynner, 1997, 1998).

Como explicar, então, a importância atribuída à constituição de uma família enquanto objectivo de vida para a generalidade dos jovens portugueses? Para isso, há que pedir a atenção para o facto de, hoje por hoje, se avolumarem as dificuldades experienciadas na passagem para a vida activa (um dos marcos no processo de transição para a vida adulta), as quais se fazem sentir ao nível, por exemplo, do alongamento no número de anos dedicados aos estudos pela globalidade dos jovens do relativo desfasamento entre a oferta de emprego e a procura, nomeadamente devido ao claro aumento na percentagem de mulheres que procura e passa a integrar a força de trabalho (cf. Tessaring, 1998). Neste sentido poder-se-á perguntar até que ponto é que a importância relativa assumida pela família não poderá resultar da conjugação da sua função de apoio e de meio de "conquista" de autonomia para os jovens face a si próprios e ao meio envolvente?

Além do mais, nas sociedades dos nossos dias, a família, para além de contexto de vinculação e de desenvolvimento fundamental, tende a ser encarada como um lugar privilegiado para o repouso e o lazer, ao mesmo tempo que proporciona aos indivíduos sentimentos de bem-estar, segurança e descontração, no qual se podem refugiar das agressões da existência quotidiana (Verquerre et al., *s/d*). Assim, é possível especular que, para os sujeitos que de momento

se encontram desempregados, este se afigure como um contexto privilegiado de investimento, sobretudo se se descentrar o termo trabalho do conceito de carreira, alargando-o a uma multiplicidade de contextos e de papéis. Neste sentido, torna-se possível verificar que, por exemplo, no seio da própria família também se desempenham papéis de trabalho (cf. Richardson, 1993).

Neste contexto, como compreender que o mesmo não suceda com os sujeitos que se encontram à procura do primeiro emprego? De acordo com Jahoda (1982) o trabalho, para além de necessidades de carácter material e financeiro permite também suprir outras mais ligadas à expressão e à organização pessoal (e.g., alguma estrutura na organização diária, um horizonte de actuação e de envolvimento em actividades e com pessoas para além do grupo primário, o envolvimento em esforços colectivos, o saber qual a sua posição na sociedade; a actividade). Eventualmente o envolvimento em actividades de cariz comunitário poderá contribuir para a prossecução de alguns destes objectivos por parte dos sujeitos.

O alongamento do processo de transição dos jovens da escola para o mundo do trabalho deixa em aberto a possibilidade de alguns sujeitos consecutivamente adiarem a sua entrada no mercado de emprego e, deste modo, permanecerem indefinidamente na situação de procura de primeiro emprego. Uma hipótese a explorar refere-se ao facto de essa situação poder traduzir um eventual estatuto de identidade difusa (Marcia, 1986) em relação ao trabalho. Estes indivíduos, que nunca experienciaram ou exploraram a realidade do mundo do trabalho, podem-se sentir tentados procurar domínios alternativos de investimento como uma maneira de evitarem possíveis situações ameaçadoras, afirmando estarem à procura de um emprego quando, na realidade, não estão.

No que se refere à sua importância absoluta, em geral, o trabalho aparenta possuir uma importância algo elevada na vida das pessoas – 45,6% dos sujeitos consideraram-no como uma das coisas mais importantes em toda a sua vida. Se se focar somente as tendências específicas registadas nas categorias relativas ao nível de escolaridade, um número adicional de questões para discussão emerge. Tal como se esperava, os sujeitos apresentando um nível mais baixo de escolaridade atribuem uma importância absoluta ao trabalho significativamente maior do que os demais sujeitos não incluídos nessa categoria. Poder-se-á pressupor que tal se encontra relacionado com o facto de as pessoas que apresentam níveis mais baixos de escolaridade, normalmente, tendem a valorizar uma ética tradicional do trabalho (Pais, 1998), em que trabalho e lazer se apresentam inversamente relacionados (quanto maior é a importância do trabalho para os sujeitos com mais baixos níveis de escolaridade, menor é a do lazer).

Por sua vez, a importância atribuída ao trabalho por este grupo de sujeitos poder-se-á dever

não só ao seu desejo de serem bem sucedidos no processo de transição da escola para o mundo do trabalho como também à consciência das crescentes dificuldades que se colocam a todos os que se encontram na mesma situação (Verquerre et al., *s/d*). De novo, se se tomar em linha de conta algumas das principais tendências que, actualmente, se fazem sentir no processo de transição da escola para o mundo do trabalho, poder-se-á concluir que os indivíduos – situados nos limites etários definidos para a amostra do estudo – que se encontrem desempregados ou à procura de um primeiro emprego e que simultaneamente apresentem uma certificação escolar de nível intermédio ou superior, são aqueles que mais facilmente se vêm envolvidos em actividades adicionais de formação, retardando ainda mais, deste modo, a sua transição para o mercado de emprego. Terá este facto alguma relação com o modo como as pessoas se relacionam (e, portanto, investem) com o trabalho?

De acordo com o esperado existem diferenças na importância absoluta atribuída ao trabalho pelos elementos do género feminino e masculino. Este resultado pode ser interpretado como um indicador do crescente investimento no trabalho por parte dos representantes mais jovens do género feminino. Frequentemente, hoje em dia, as mulheres começam assumir um papel de destaque em diversos domínios do trabalho devido, pelo menos em parte, às recentes transformações nas oportunidades e expectativas de emprego para as mulheres. Não obstante, importa não esquecer que o mercado de emprego continua a funcionar segundo processos de segregação dos indivíduos baseados em aspectos como o seu género, religião ou ascendência étnica (Alves, 1998). As mulheres, normalmente, encontram-se numa situação mais vulnerável que os homens quando tentam entrar e progredir neste sistema de oportunidades. Como percebem as jovens adultas o domínio do trabalho? É possível considerar que a importância absoluta que atribuem ao trabalho, especialmente quando comparada com os seus congéneres do género masculino, como um indicador da sua vontade para mudar o actual estado das coisas e, assim, assegurarem um maior controlo sobre as suas vidas e carreiras (Fenninger & Wach, 1997)? Quais serão os elementos diferenciais na relação que os jovens do género masculino e feminino estabelecem com o domínio do trabalho? Afiguram-se como outras das questões a explorar.

No entanto, vários outros aspectos devem ser tidos em consideração antes de se chegar a uma conclusão, nomeadamente, quais as relações estabelecidas entre as várias demográficas consideradas pelo estudo para a obtenção destes resultados? Que outros factores poderão estar a mediar a relação estabelecida pelos sujeitos com cada um dos domínios de vida considerados? Por exemplo, em relação às actividades de lazer. Usualmente, essas são percebidas como algo que se encontra sob o controlo individual e, ao mesmo tempo, permite às pessoas o usufruto criativo dos seus tempos livres (Imaginário, 1997). Numa sociedade mais e mais marcada, por um lado, pela ênfase no individualismo, na realização pessoal, no imedia-

tismo das gratificações e no risco (Beck, 1992), e, por outro, pela escassez do trabalho assalariado, as actividades de lazer são susceptíveis de aparecer como um domínio de investimento complementar (ou mesmo alternativo) ao trabalho. Existem inclusive estudos em que actividades "não laborais" (avaliadas como envolvimento outros, relaxantes, livremente escolhidas e não constrangidas pelo tempo, assim como se envolviam ou não desafio, variado e a prossecução de objectivos) aparecem como uma outra forma de experienciar desafio e de utilizar as competências pessoais, assim como de obter níveis de stress e de pressão também presentes em actividades "laborais" (Brook & Brook, 1989).

Eventualmente, isto pode ser considerado como um indicador de que o trabalho pode ser substituído como fonte de resultados importantes na vida (Brief et al., 1995) e que, pelo menos em parte, ajuda a contextualizar um pouco melhor a relação inversamente proporcional encontrada entre trabalho e família, assim como entre trabalho e lazer, ou ainda a ausência de diferenças na importância absoluta que o trabalho assume nas suas vidas em função do estatuto dos sujeitos face ao emprego. Algo de semelhante pode ser adiantado em relação à não obtenção de diferenças na satisfação com a vida em função do género, nível de escolaridade e estatuto face ao emprego, bem como à sua fraca relação com as demais variáveis dependentes analisadas. Aqui, importa pedir a tenção para o facto de a escala utilizada para avaliar a satisfação com a vida dos sujeitos se basear num julgamento global e não centrado em qualquer domínio específico da existência. À partida, tal situação poderá levar a supor que, ao responderem, os sujeitos estejam a realizar um balanço das diferentes dimensões com significado nas suas vidas (e.g., saúde, casamento), o que, em simultâneo poderá ajudar a compreender os índices de correlação obtidos com as demais variáveis estudadas.

Em relação ao género, a ausência de diferenças nos níveis de satisfação com a vida evidenciados pelos sujeitos do sexo feminino e masculino poderá ser explicada pelas características da amostra (não-clínica, de jovens adultos que deram os seus estudos por concluídos), por outro pode ser encarada como um indicador de que a dimensionalidade da escala é a mesma para os elementos de ambos os géneros (cf., Arrindell, et al., 1999; Shevlin et al., 1998). A ausência de diferenças nas outras duas variáveis independentes identificadas poder-se-ão compreender pelo facto de esta ser uma medida de carácter global, que não pede aos sujeitos que se posicionem perante nenhuma área ou domínio específico das suas vidas. No caso concreto do estatuto face ao emprego importa ainda tomar em linha de conta algumas variáveis que com influência nas percepções pessoais da situação de emprego/desemprego, designadamente, a situação financeira, a situação do mercado de trabalho e as políticas de emprego, as expectativas de reemprego/promoção, apoio familiar e social, satisfação com o emprego) (cf. Santos, Costa & Loureiro, 1995). Futuramente, poder-se-á ainda procurar perceber qual a relação existente entre a satisfação em domínios específicos da existência e a satisfação global com a vi-

da (e.g., satisfação profissional, objectivos de vida definidos e sentimento de os ter atingido).

Por fim, resta apenas acrescentar que tudo indica que as diferenças encontradas na importância relativa que as mulheres atribuem à religião em comparação com os homens se relacionam com o facto de estas, em geral, participarem mais em eventos religiosos do que os homens, sendo igualmente superior o número das primeiras que é praticante em relação aos segundos, situação é ainda mais evidente na região norte do país, tendências mais uma vez evidenciadas no estudo Jovens Portugueses de Hoje – Resultados do Inquérito de 1997 (Nunes, 1998).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, N. (1998). Escola e trabalho: Atitudes, projectos e trajetórias. In M.V. Cabral & J.M. Pais (Coord.), *Jovens portugueses de hoje - Resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora. 53-133.
- ARRINDELL, W.A., HEESINK, J. & FEIJ, J.A. (1999). The satisfaction with life scale (SWLS): Appraisal with 1700 healthy young adults in the Netherlands. *Personality and Individual Differences*, 26, 815-826.
- AZEVEDO, J. (1999). *Voos de borboleta: Escola, trabalho e profissão*. Porto: Edições Asa.
- BECK, U. (1992). *The risk society: Towards a new modernity*. London: Sage Publications.
- BILLIARD, I. (1993). Le travail: Un concept inachevé. *Education Permanente*, 116, 3, 19-32.
- BLUSTEIN, D.L., PHILLIPS, S.D., JOBIN-DAVIS, K., FINKELBERG, S.L., & ROARKE, A.E. (1997). A theory-building investigation of the school-to-work transition. *The Counseling Psychologist*, 25, 3, 364-402.
- BRIEF, A.P., KONOVSKY, M.A., GOODWIN, R. & LINK, K. (1995). Inferring the meaning of work from the effects of unemployment. *Journal of Applied Social Psychology*, 25, 8, 693-711.
- BROOK, J.A. & BROOK, R.J. (1989). Exploring the meaning of work and nonwork. *Journal of Organizational Behavior*, 10, 169-178.
- BYNNER, J. (1997). Basic skills in adolescents' occupational preparation. *The Career Development Quarterly*, 45, 305-321.
- BYNNER, J. (1998). Education and family components of identity in the transition from school to work. *International Journal of Behavioral Development*, 22, 1, 29-53.
- CAMPS, V. (1996). *Paradoxos do individualismo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- CLAES, R. & QUINTANILLA, A.R. (1994). Initial career and work meanings in seven European countries. *The Career Development Quarterly*, 42, 337-352.
- COIMBRA, J.L. (1996). O meu "grande" projecto de vida ou os meus "pequenos" projectos: Linearidade e/ou recorrência no desenvolvimento vocacional e suas implicações educativas. Comunicação apresentada na Conferência "O Papel da Orientação para a Educação e a

Formação ao Longo da Vida". Porto: Outubro.

- DIENER, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 112, 155-159.
- DIENER, E., EMMONS, R., LARSEN, R.J. & GRIFFIN, S. (1985). The Satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- ENGLAND, G.W. & HARPAZ, I. (1990). How working is defined: National contexts and demographics and organizational influences. *Journal of Organizational Behavior*, 11, 253-266.
- ENGLAND, G.W. & QUINTANILLA, A.R. (1989). Major work-meaning patterns in the national labor forces of Germany, Japan and the United States. *Advances in Comparative Management*, 4, 77-94.
- FENNIGER, C. & WACH, M. (1997). Centralité et valeurs de travail: Une approche dans le cadre de l'insertion professionnelle. Mémoire du DECOP 1996-1998. INETOP, Institut National d'Études du Travail et de l'Orientation Professionnelle. Novembre.
- FERRY, J. (1994). Réflexions sur la crise sociale. *Education Permanente*, 121, 4, 191-211.
- Gorz, A. (1988). *Méthamorphoses du travail: Quête du sens*. Paris: Éditions Galilée.
- HARPAZ, I., CLAES, R., DEPOLO, M., & RUIZ QUINTANILLA, A. (1992). Meaning of work of career starters. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 1, 81-104.
- IMAGINÁRIO, L. (1994). Desenvolvimento vocacional de adultos: Etapas da vida de trabalho. [Texto fotocopiado de apoio à disciplina "Psicologia da Formação Profissional e da Educação de Adultos", do 5.º ano da Licenciatura em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, nas áreas de especialização em Consulta Psicológica de Jovens e Adultos e Psicologia do Trabalho e das Empresas.]
- IMAGINÁRIO, L. (1997). Questões de orientação. Comunicação apresentada na Conferência "Escola-Família-Comunidade". Guarda, Fevereiro.
- JAHODA, M. (1982). *Employment and unemployment: A social-psychological analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEBAUDE, A. (1996). Une crise profonde? Non, une mutation effective. *Education Permanente*, 129, 4, 43-50.
- LUNDBERG, C.D. & PETERSON, M.F. (1994). The meaning of working in U.S. and Japanese local governments at three hierarchical levels. *Human Relations*, 47, 1459-1487.
- MARCIA, J. (1986). Clinical implications for the identity status approach within psychosocial and developmental theory. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 1, 71-75.
- MOW INTERNATIONALRESEARCH TEAM (1987). *The meaning of working*. London: Academic Press.
- NETO, F. (1993). The satisfaction with life scale.: Psychometrics properties in na adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22, 125-134.
- NETO, F. (1997). Escala de satisfação com a vida,: propriedades psicométricas numa amostra de adolescentes. In F.F. Neto, *Estudos de psicologia intercultural: Nós e outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de investigação Científica e Tecnológica.

- NUNES, J.S. (1998). Perfis sociais juvenis. In M.V. Cabral & J.M. Pais (Coord.), *Jovens portugueses de hoje - Resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora. 1-51.
- PAIS, J.M. (1998). Grupos juvenis e modelos de comportamento em relação à escola e ao trabalho: Resultados de análises factoriais. In M.V. Cabral & J.M. Pais (Coord.), *Jovens portugueses de hoje - Resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora. 135-187.
- PALMQUIST, S. (1997). A Cristian philosophy of work. [Texto divulgado via Internet].
- QUATERNAIRE PORTUGAL, & CETE, CENTRO DE ESTUDOS DE ECONOMIA INDUSTRIAL, DO TRABALHO E DA EMPRESA (1996). *Labour market studies: Portugal*. Report financed and prepared for the use of the European Commission, Directorate-General for Employment, Industrial Relations and Social Affairs. Luxemburg: European Commission, Directorate-General for Employment, Industrial Relations and Social Affairs.
- RICHARDSON, M.S. (1993). Work in people's lives: A location for counseling psychologists. *Journal of Counseling Psychology*, 40, 4, 425-433.
- ROSE, J. (1997). L'accès a l'emploi des jeunes: Niveaux d'analyse, approches en termes de marché et construction sociale de l'emploi. In P. Werquin, R. Breen, & J. Planas (Eds.), *Insertion des jeunes en Europe: Théories et résultats*. Céreq: Document n° 120. Série Séminários. 163-175.
- SAINSAULIEU, R. (1998). L'identité au travail d'hier à aujourd'hui. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 27, 1, 77-93.
- SANTOS, B.S. (1998). *Reinventar a democracia*. Lisboa: Fundação Mário Soares & Gradiva Edições.
- SANTOS, E.R., COSTA, A.A. & LOUREIRO, R.G. (1995). Desemprego: O problema e perspectivas de intervenção num contexto de educação de carreiras. Comunicação apresentada no "3.º Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação". Lisboa, Dezembro.
- SENNETT, R. (1998). *La corrosión del carácter: Las consecuencias personales del trabajo en el nuevo capitalismo*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- SHEVLIN, M., BRUNSDEN, V. & MILES, J.N.V. (1998). Satisfaction with life scale: Analysis of factorial invariance, mean structures and reliability. *Personality and Individual Differences*, 25, 911-916.
- ST. AUBYN, M. (1997). Desemprego. In Conselho Económico e Social, *Problemas actuais da política económica portuguesa: Crescimento, desemprego, participação na União Económica e Monetária*. Lisboa: Conselho Económico e Social. 57-96.
- TOLBERT, E.L. (1980). *Counseling for career development*. Boston, M.A.: Houghton-Mifflin.
- TESSARING, M. (1998). Formation pour une société en mutation: Rapport sur la recherche actuelle en formation et enseignement professionnels en europe. Thessalonique: CEDEFOP, Centre européen pour le développement de la formation professionnelle.
- VASCONCELOS, P. (1998). Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses. In M.V. Cabral & J.M. Pais (Coord.), *Jovens portugueses de hoje - Resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora. 215-306.

VERQUERRE, R., MASCLÉ, G. & DURAND, A. (S/D). Les valeurs des lycéens et des jeunes en recherche d'insertion professionnelle. Centre de Recherche de Psychologie de l'Université de Lille.

WACH, M. (1993). Les représentations du travail: Un enquête auprès des jeunes en lycée professionnel. Education Permanente, 117, 4, 113-120.

**Qualificação Profissional
- Formação de Adultos**